

FMI quer saber se Cardoso é candidato

Hoje, ministro se encontra, em Washington, com Camdessus e Iglesias

PAULO SOTERO
Correspondente

WASHINGTON — “Ministro, o sr. pretende mesmo deixar o cargo para se candidatar à Presidência da República? Disponho-me até a aceitar a lógica política de tal decisão, mas devo lhe dizer que ela complicará a decisão que eu tenho de tomar. Antes de me comprometer a recomendar o programa brasileiro ao board, preciso de uma garantia de que ele será executado: quem será seu sucessor?” As palavras não serão exatamente essas. E a formalidade será dispensada se a conversa for a dois. Mas essas são as perguntas e preocupações que o ministro da Fazenda, Fernando Henrique Cardoso, ouvirá hoje do diretor-gerente do Fundo Monetário Internacional, Michel Camdessus.

O encontro com Camdessus é o melhor indício de que as dificuldades técnicas do programa foram resolvidas nas conversas que o presidente do Banco Central, Pedro Malan, e o secretário de Política Econômica, Winston Fritsch, continuaram ontem, pelo terceiro dia, com os economistas e a alta administração do Fundo. Falta, agora, a conversa política.

O calendário eleitoral dá a Cardoso mais duas semanas para decidir se sai ou se fica. Em Brasília, seus assessores garantem que ele ainda não resolveu o que fará, e que partiu ontem para o encontro com Camdessus “angustiado com o dilema”. O cronograma do entendimento com o Fundo impõe que a decisão seja tomada já.

Em Washington, a saída de Cardoso é vista como um complicador, mas não maior do que o fato de o governo ter menos de nove meses de mandato — metade da duração de um programa convencional do Fundo. Ao apoiar o Plano FHC2, Camdessus sabe que estará fazendo uma aposta política de que a estratégia de estabilização será mantida no próximo governo. O histórico de inadimplência do País no cumprimento dos programas com a instituição é outro problema.

Mas a questão-chave e imediata é quem será o substituto de Cardoso. Quem estará no comando da Fazenda

no mês que vem, quando o board do Fundo se pronunciar sobre a carta de intenção que Cardoso apresentará hoje? Seu substituto terá o apoio do presidente da República para levar adiante a mesma política?

Essas são as informações que Camdessus necessita para criar coragem e pedir à diretoria-executiva do FMI que abra novo crédito de confiança ao Brasil — que fra-

cassou nos três programas que negociou com a instituição desde 1982, dois deles com a atual administração.

Os países industrializados, que controlam o board do FMI, têm razões para apoiar o acordo com o Brasil. A maior delas é permitir a concretização do acordo de renegociação da dívida externa com os bancos credores, no qual todos têm interesse.

Para convencer o board do FMI a apoiar o Plano FHC2, o melhor nome para assumir o lugar de Cardoso é o de Pedro Malan. A idéia de começar um programa de estabilização trocando o presidente do BC não parece das mais saudáveis, mas o trânsito e respeito de que Malan desfruta na comunidade financeira internacional torna a sua escolha o caminho mais lógico para resolver a complicada equação.



DEFINIÇÃO
DO ACORDO
DA DÍVIDA
PODE SER HOJE



Reuter

Camdessus: aposta política na manutenção do plano de estabilização pelo próximo governo